



Brasília, 26 de junho de 2017

Prezados coordenadores,

Como vocês já sabem, está disponível na plataforma Sucupira a avaliação consolidada dos periódicos científicos, referente ao quadriênio 2013-2016. Ao consultarmos a base de dados disponível, descobrimos que a **Brazilian Journalism Research (BJR)** está classificada como B1 na área de Comunicação e Informação. Ou seja, após ela ter sido avaliada como A2 como resultado da escolha feita junto aos Programas de Pós-graduação de todo o país, a comissão de área junto à CAPES considerou que era mais adequado recuar na classificação e mantê-la no extrato B. A justificativa apresentada foi de que a **BJR** era um periódico segmentado em jornalismo e que isso poderia gerar distorções na avaliação quadrienal. Isso poderia privilegiar, por exemplo, programas com linhas de pesquisa em jornalismo.

Como responsáveis da **BJR**, gostaríamos de manifestar a nossa posição em relação à avaliação. O nosso objetivo é dar aos sócios da SBPJoR e aos Programas de Pós-graduação que apoiaram a inclusão da **BJR** no extrato A2 em 2016 um posicionamento oficial sobre esta questão, explicitando mais uma vez nossa política editorial e a forma como atuamos na edição do que temos certeza ser um periódico de qualidade internacional em Comunicação. Gostaríamos de apresentar aqui alguns elementos que estimulem uma reflexão da área sobre os critérios aplicados e sobre suas consequências, bem como explicitem os fatores que nos fazem discordar desta decisão.

Antes de tudo, acreditamos que a linha editorial de um periódico não pode ser confundida com uma postura disciplinar ou como um fechamento político-epistemológico. A **BJR** nunca se posicionou como uma revista de pesquisadores *de jornalismo*, mas entende o jornalismo como um *objeto* de estudo interdisciplinar e que pode ser tratado por pesquisadores de diferentes áreas. Como enunciado no site da revista, “A *Brazilian Journalism Research* é dirigida principalmente a professores, pesquisadores e estudantes na área de *Jornalismo, Comunicação e Ciências Sociais*. A revista incentiva ainda a distribuição do seu conteúdo a profissionais do jornalismo e da comunicação”. Esta postura não é apenas um discurso da revista, mas se reflete no perfil dos pesquisadores que publicam na **BJR**. Os dados enviados em 2016 aos Programas

de Pós-graduação, por ocasião da votação das revistas que iriam para o extrato A2, mostram que nos últimos anos aceitamos um número considerável de artigos de pesquisadores que atuam em instituições que não possuem necessariamente linhas de pesquisa em jornalismo, mas que viram na **BJR** um espaço qualificado para divulgação de suas pesquisas. Além disso, a **BJR** tem sido um espaço importante de interlocução com outras áreas do conhecimento. Ela possui classificações válidas dos Qualis das áreas de Sociologia, Ciências Políticas e Relações Internacionais, Ensino, Letras e Linguísticas, Ciência da Computação e Interdisciplinar.

Entendemos que essa abertura explica, inclusive, o fato de termos sido escolhidos pelos Programas com um periódico que deveria ter ido para o Qualis A2. Ou seja, os próprios PPGs, afetados diretamente pela classificação da área, entendem que a adoção de uma linha editorial que tem o jornalismo como objeto de estudo não implica em um fechamento disciplinar, mas na valorização de certas temáticas que possuem uma massa crítica de pesquisadores e de leitores de diferentes áreas interessados pelo tema. Em nossa opinião, apoiar a diversidade na Ciência consiste justamente em valorizar a capacidade dos pesquisadores de *escolherem* seus objetos e investirem na produção de conhecimento, reflexão e crítica, independente de suas afiliações institucionais ou disciplinares.

A especialização em torno de um objeto de estudo, a nosso ver, não desqualifica a **Brazilian Journalism Research**. Pelo contrário, seguimos uma tendência internacional de privilegiar periódicos especializados, como resultado do próprio dinamismo de certas áreas do conhecimento. O mais recente relatório do *Journal Citations Reports (2017)* – que emprega as métricas da *ISI-Web of Science* e é utilizado pelo governo brasileiro na definição das políticas de internacionalização da Ciência – mostra que as duas revistas com maior fator de impacto na área, *New media and Society* e *Journal of Computer Mediated Communication*, são periódicos especializados. Elas inclusive rejeitam no *desk reviews* artigos que não estejam dentro de suas linhas editoriais. Da lista dos dez periódicos internacionais mais relevantes da área, apenas dois (*Communication Research* e *Journal of Communication*, este da International Communication Association – ICA) possuem linha editorial mais generalista. Os dados são similares no ranking proposto pela *Scimago* – e que, por sua vez, utiliza os dados da Scopus: dos dez periódicos mais importantes da área de Comunicação, oito possuem linhas editoriais especializadas, incluindo a revista britânica *Journalism*.

Da mesma forma, apontamos que o fato de a **BJR** ser editada por uma associação de pesquisadores, em vez de um programa de Pós-graduação, o que não é a praxe na nossa área, não deve ser percebido como um demérito. De modo geral as revistas científicas mais importantes de suas respectivas áreas costumam ser editadas por sociedades científicas. É o caso da *Revista Brasileira de Ciências Sociais* e da *Revista Mexicana de Sociología* (ambas Qualis A1 em Sociologia). Ou da revista da *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, da *The American Journal of Semiotics* (editado pela *Semiotic Society of America*) e das revistas *Journalism and Mass Communication Quarterly* e *Journalism & Mass Communication Educator – JMCE* (editadas pela AJMC) e *Journalism Studies* e *Journalism Practices* (ambos editados pela ECREA, na Europa) – isso para ficarmos em exemplos da nossa área. Na verdade, os processos de constituição de associações científicas com seus respectivos periódicos apenas evidencia as dinâmicas nacionais de produção e de circulação do conhecimento em que a institucionalização de determinadas

temáticas reflete os interesses dos pesquisadores locais por determinados objetos de estudo. A criação da **BJR**, acreditamos, é resultado disto.

Enquanto editores da **BJR** temos uma ideia clara do que é ser um periódico científico de qualidade e como ele pode contribuir para o fortalecimento da área como um todo e especificamente dos Programas de Pós-graduação, promovendo a pesquisa e a difusão do conhecimento. Isso inclui transparência nos processos editoriais, a realização de uma avaliação ao mesmo tempo rigorosa e colaborativa dos artigos submetidos à revista, abertura para temas inovadores, para contribuições originais e internacionais. Essas diretrizes orientam nosso trabalho enquanto editores da **Brazilian Journalism Research**. Fomos a primeira revista da área publicada em inglês e a primeira a se tornar bilíngue. Somos a única revista da área a ter um editor vinculado a uma instituição de ensino superior estrangeira no nosso corpo editorial, a Profa. Tania Cantrell Rosas-Moreno, da *Loyola University Maryland* (Estados Unidos). Contamos com um Conselho Científico e com um corpo de pareceristas internacionais e publicamos em média 30% de artigos de autores estrangeiros por ano – provavelmente uma das taxas de internacionalização mais altas da área. Juntos com a *Perspectivas Em Ciência Da Informação*, somos o único periódico brasileiro da área de Comunicação e Informação classificado como revista qualificante pelo *Haut Conseil d'évaluation de la recherche et de l'enseignement supérieur* da França (<https://www.sfsic.org/index.php/infos/liste-des-revues-qualifiantes-en-71eme-section>).

Esse conjunto de fatores a nosso ver exprime indicadores importantes para a avaliação de um periódico científico que vão além da questão das indexações, e revela o impacto da **BJR** como revista de referência no Brasil e em outros países. Nesse sentido, ela parece atender perfeitamente ao critério de reputação definido pela comissão de área no momento de avaliação dos periódicos científicos.

Gostaríamos de opinar que avaliamos que a abertura ao extrato A deveria ser mais inclusiva em nossa área, permitindo o acesso a outras revistas nacionais (e com abertura internacional) de qualidade. A indexação não deixa de ser um fator importante para qualificar e internacionalizar um periódico, mas, diferente de outras áreas das Ciências Sociais e Humanas, temos dado um peso excessivo a esse critério – levando sobretudo em conta que o tempo mínimo de avaliação pelas duas bases internacionais “mais acessíveis”, Scielo e Scopus, é de um ano.

A **BJR** continua o seu processo de ajuste de qualificação, não só para atender às demandas da área da Comunicação e Informação, mas para continuar a se posicionar internacionalmente como um periódico importante no campo. Já estamos em processo de avaliação pelo Scopus e nas próximas semanas devemos depositar o nosso pedido de indexação ao Scielo. Também estamos com processo de submissão em curso em várias outras bases internacionais. Nos últimos meses, fizemos uma série de ajustes no conteúdo da revista de forma a deixar ainda mais detalhado e transparente todos os processos de edição e de gestão dos conteúdos da **BJR**. Isso inclui a adesão ao sistema dos *Digital Object Identifiers* (DOI) e o registro junto à Crossref das edições referentes aos anos de 2016 e 2017 (as demais edições serão registradas nos próximos meses). Isso reforça a nossa convicção de continuaremos a oferecer aos autores e leitores um conteúdo científico de qualidade.

Por fim, gostaríamos de agradecer o apoio que recebemos dos Programas de Pós-graduação da área quando da indicação e também aos autores, pareceristas e/ou leitores que têm colaborado no processo de construção e aprimoramento contínuo da **BJR**.

Cordialmente,

Equipe Editorial

Brazilian Journalism Research (BJR)